

---

JAZZ

11 NOVEMBRO '07

JAN GARBAREK  
GROUP

---

***Culturgest***

Grupo Caixa Geral de Depósitos



DOM 11 NOVEMBRO 2007 · GRANDE AUDITÓRIO · 21H30 · DURAÇÃO 1H30 · M/6

Saxofone Jan Garbarek  
Bateria Manu Katche  
Piano Rainer Brüninghaus  
Contrabaixo Yuri Daniel

Era uma vez um contrabaixista alemão com formação clássica e gostos abrangentes que resolveu colocar em prática um objectivo nada razoável: fundar uma editora cujos discos cobrissem todos os estilos que apreciava e fosse uma alavanca para forjar uma nova música feita de várias músicas, transnacional e transcultural no espírito, características que ele já encontrava no jazz, apesar das suas origens norte-americanas, mas com um cunho arraigadamente europeu. Uma música que fosse “o mais belo som depois do silêncio” e que de alguma maneira representasse a “música das esferas celestes”, sobre a qual escreveram os filósofos gregos nas suas descrições da formação e do funcionamento do cosmos. Esse contrabaixista tornado editor e produtor chama-se Manfred Eicher e o seu projecto ficou conhecido como ECM, iniciais de Edition of Contemporary Music. Decorrida da vontade de gravar um grupo de jazz como se fosse um quarteto de cordas erudito, ou vice-versa, a designação “som ECM” não contempla apenas os aspectos técnicos necessários para chegar à acústica cristalina intencionada por Eicher, mas igualmente uma musicalidade que, em certos casos, pode mesclar a sincopação do jazz com o rigor da música sinfónica e de câmara, a espiritualidade da polifonia sacra, a ancestralidade presente tanto nas canções medievais e na composição barroca como no folclore do Velho Continente, e ainda a energia do rock.

Esta aspiração a uma meta-música da era global encontrou no norueguês Jan Garbarek um dos seus mais bem sucedidos praticantes, pelo facto de

todos os ingredientes que utiliza nas suas muito pessoais propostas não surgirem simplesmente como um *melting pot* ou um *pastiche* de géneros, mas como a decantação das suas respectivas essências – um processo químico muito similar ao da perfumaria que o saxofonista e compositor levou a cabo com um raro sentido de ascetismo estético. Os encontros de Garbarek com o Hilliard Ensemble, grupo vocal britânico especializado em repertório antigo, ou com Kim Kashkashian, a violista arménia preferida de autores contemporâneos como Arvo Part, Sofia Gubaidulina, Gyorgy Kurtág e Tigran Mansurian, tornaram-se possíveis pelo facto de o seu programa musical parecer estar além do tempo e do espaço, não obedecendo a conotações de época e de lugar.

E no entanto... Se Manfred Eicher foi atrás de um mito universalista e atemporal e está a torná-lo de algum modo em realidade, o jazz transfigurado de Jan Garbarek e de outras figuras dos países escandinavos deram-lhe contornos regionais que provavelmente o padrão da ECM não previra. É certo que a mitologia germânica tem pontos comuns com a da Suécia, da Noruega, da Dinamarca, da Finlândia e da Islândia (Odin, o Deus da guerra, mas também da sabedoria e da poesia, é originário da Alemanha Ocidental), mas não é isso que explica o facto de o paganismo nórdico ser neste catálogo uma referência cultural identitária. Será Garbarek, sobretudo, o responsável: a sua música onírica, fantástica e contemplativa recorda-nos o povo de descobridores e guerreiros marítimos que descende do primeiro

homem, Bure, nascido da respiração de Audhumbla, a mãe de todas as vacas que foi gerada pelas chamas lançadas a partir de Muspelheim no abismo de gelo e escuridão que era o mundo dos primórdios.

Esta é, bem entendido, uma carga difusa nas criações de Garbarek, mas está bem presente na nostalgia arcaica das suas melodias e na irrealidade enevoada das atmosferas que constrói. Que distante se encontra o músico, hoje, dos seus ídolos nas décadas de 1960 e 70, John Coltrane e Albert Ayler, mas algumas consequências terá tido o trabalho que desenvolveu na altura com Don Cherry e George Russell – já então o trompetista valorizava o factor etnicidade e o compositor e director de orquestra tinha com o seu Lydian Chromatic Concept of Tonal Organization demonstrado que circunscrever o material sonoro a utilizar é o melhor recurso contra o excesso de verbosidade que infelizmente sempre caracterizou muito do jazz. Daí parti para a música de cunho cinematográfico que imediatamente reconhecemos como sendo dele, por vezes até descritiva da paisagem natural norueguesa. Curiosamente, rodeou-se ao longo dos anos por músicos de outras nacionalidades que não a sua – Ralph Towner, Bill Connors, Bill Frisell, David Torn, John Abercrombie, Keith Jarrett, John Taylor, Rainer Bruninghaus, Charlie Haden, Miroslav Vitous, Eberhard Weber, Yuri Daniel, Billy Hart, Peter Erskine, Michael DiPasqua, Nana Vasconcelos, Trilok Gurtu e Manu Katché não são propriamente de ascendência viking, ou, se algum a tem, é muito remota.

Sem reacar acusações de “exotismo”, foi em diálogos como os estabelecidos com o oudista tunisiano Anouar Brahem ou com o guitarrista e pianista brasileiro Egberto Gismonti que melhor percebemos o quanto a sua voz está enraizada na terra.

O “país musical” de Jan Garbarek pode ser mitológico e estar habitado por faunos e amazonas, mas quando ouvimos o seu saxofone só podemos concluir que existe mesmo. Há quem lhe tenha encontrado elementos, ou pelo menos “ecos”, das tradições balcânica, eslava, turca e carnática, mas a explicação pode estar mais fundo do que a ideia de que todos os folclores do mundo têm um tronco comum ou de que a Eurásia é uma realidade mais evidente do que julgamos. Talvez os mares sejam efectivamente o sangue de Ymer, o gigante, e o céu que nos cobre as cabeças o lado de dentro do seu crâneo, as nuvens o seu cérebro e as montanhas de todo o planeta o esqueleto em que nos movemos.

RUI EDUARDO PAES  
(CRÍTICO DE MÚSICA, ENSAÍSTA,  
EDITOR DA REVISTA JAZZ.PT)

---

## Biografia

---

A história já foi contada muitas vezes. Jan Garbarek, com 14 anos, ouviu na rádio John Coltrane e foi uma revelação. Soube o que tinha que fazer. Comprou um livro de instruções de saxofone e aprendeu as posições dos dedos antes mesmo de ter um instrumento. “Quando consegui um saxofone já estava realmente preparado para ele. Estava muito, mas muito ansioso”.

Coltrane foi uma escolha fortuita para o papel de modelo. Seguindo o percurso desse gigante da música abriram-se-lhe novos caminhos. O interesse de Coltrane por Ravi Shankar, por exemplo, levou Garbarek a conhecer a música indiana, já em 1963, e, portanto, as possibilidades da música não ocidental. Com o quarteto de Coltrane o jovem norueguês aprendeu a dinâmica de uma banda, a relação entre os instrumentos. E a apreciar, entre outros, Pharoah Sanders, Archie Shepp e, em especial, Albert Ayler.

Nesse tempo pela Escandinávia passavam muitos músicos americanos. Garbarek ouviu e aprendeu, entre outros, com Dexter Gordon, Ben Webster, Johnny Griffin. Em 1964 teve a sorte de tocar com Don Cherry, sendo influenciado pela maneira como este músico conciliava as várias tradições da música de raiz popular com sua forma única de tocar o *free jazz*. Mas a maior influência que recebeu neste período de formação veio da sua associação com o pianista e compositor americano

George Russell, que o convidou para se juntar à sua banda em 1965, quando Garbarek tinha 18 anos. “Ele ensinou-me tanta coisa. Eu não sabia nada de música e mesmo assim ele acreditou em mim”.

Em 1969 Manfred Eicher convidou o saxofonista a gravar para a editora ECM, então a dar os seus primeiros passos. *Afric Pepperbird* foi gravado em Oslo em 1970 e colocou o saxofonista, e os membros da sua banda, no mapa internacional; na Noruega os críticos ainda se referem a Jan Garbarek, Terje Rypdal, Arild Andersen e Jon Christensen como os “Big Four”, os quatro grandes músicos que definiram o que poderia querer dizer música improvisada norueguesa.

Em 1974 iniciou-se uma colaboração frutuosa com Keith Jarrett e o seu quarteto europeu. *Belonging e Luminessence* foram gravados numa semana, em Abril. No ano seguinte Jarrett apresentou uma música mais solar com *Arbour Zena*, em que toca com Garbarek, Charlie Haden e uma orquestra de cordas. A obra foi estreada no Carnegie Hall, em Nova Iorque.

Para além dos projectos com Jarrett o saxofonista co-dirigiu o quarteto Jan Garbarek-Bobo Stenson, ao tempo uma das bandas europeias mais populares, com o qual gravou dois álbuns, *Witchi-Tai-To e Dansere*.

Com o álbum *Dis* (1976), um dueto com o guitarrista Ralph Towner, iniciou o que mais tarde viria a considerar uma trilogia, com os registos *Eventyr* (1980) e *Legend Of The Seven Dreams* (1988), que sob formas diferentes reflectem aspectos da Noruega, a sua luz e as suas

paisagens, as suas tradições musicais populares.

Durante os anos 1970 e princípios de 1980, Manfred Eicher continuou a juntar músicos com diversas experiências em “projectos especiais”. Ao longo dos anos Garbarek revelou-se como o músico mais capaz de lidar com o desafio de conciliar as suas próprias concepções com uma larga variedade de músicos, encontrando sempre algo de novo e consistente para dizer. Estes trabalhos exploratórios continuaram na década de 1990, tendo como parceiros músicos tão diversos como o tunisino Anouar Baram, virtuoso intérprete de *oud*, ou o célebre grupo vocal inglês The Hilliard Ensemble.

Muitos desses projectos prolongaram-se em digressões. Mas *Officium*, resultado da colaboração com The Hilliard Ensemble veio a revelar-se, sem qualquer dúvida, o mais popular de todos.

A sobreposição de culturas experimentada nessas produções foi muitas vezes estendida aos grupos de Garbarek. Desde as cantoras Agnes Buen Garnas ou Mari Boine, aos guitarristas Bill Connors, Bill Frisell e David Torn, aos bateristas Michael Di Pasqua, Billy Hart ou Manu Katché, à percussionista Marilyn Mazur, ao contrabaixista Eberhard Weber, ao pianista Rainer Brüninghaus. “Gosto de ter intérpretes fortes ao meu lado, músicos com temperamentos contrastantes mas cujas personalidades são complementares. “Quando reúno um grupo, não procuro músicos iguais a mim. Somos todos muito diferentes”.

Ao longo da sua carreira Garbarek estudou e assimilou influências das chamadas músicas étnicas, de países muito diversos, mas também da música medieval, da música erudita, ou dos desenvolvimentos tecnológicos modernos.

Para além do seu trabalho para a ECM, compôs música para filmes, para numerosas produções teatrais ou para rádio e televisão.

Nascido em 1947, na Noruega, filho de um ex-prisioneiro polaco e da filha de um agricultor, Garbarek tem vindo a trabalhar o seu som há mais de 40 anos, com incansável persistência. E construiu um som único, inconfundível, que se revela com especial nitidez quando é interpretada pelo seu Jan Garbarek Group, banda que tem tido várias formações, e que, no concerto desta noite, se apresenta em quarteto com músicos que tocam juntos há mais de quinze anos.

PRÓXIMO ESPECTÁCULO  
MÚSICA SÁB 17 NOVEMBRO



## Vinicio Capossela

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h10 · M/12

Vinicio Capossela está na linha da frente de uma nova geração de cantores autores que reinventam a canção italiana.

A sua música homenageia Paolo Conte e Tom Waits. Mas a sua magia reside na forma como quebra as fronteiras de uma canção e evoca, através do uso de imagens, mundos habitados por demónios, sombras, almas perdidas, vencidos pela vida. As letras das músicas, os poemas, têm um papel crucial.

Capossela editou nove álbuns em Itália. A sua última gravação *Ovunque Proteggi* (Por todo o lado protegido) teve um surpreendente sucesso. O álbum está impregnado de referências históricas, bíblicas e mitológicas.

Para além de um cantor originalíssimo, Vinicio Capossela é também um extraordinário e criativo *performer* ao vivo. O espectáculo desta noite, mágico e encantatório, baseado no referido álbum *Ovunque Proteggi*, reproduz canções do disco mergulhando-as num cenário de teatro de sombras. Depois de uma enorme digressão por Itália, em 2006, com um acolhimento entusiástico do público e da crítica, o espectáculo foi apresentado nos Estados Unidos (“há desolação em muitas canções, mas também uma cintilação, um sentido do prazer e muito romance”, escreveu-se no *New York Times*) e por toda a Europa, sempre com grande sucesso.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

# CULTURGEST, UMA CASA DO MUNDO

INFORMAÇÕES 21 790 51 55  
WWW.CULTURGEST.PT  
Edifício Sede da CGD  
Rua Arco do Cego  
1000-300 Lisboa

## CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO PRESIDENTE

Manuel José Vaz  
VICE-PRESIDENTE  
Miguel Lobo Antunes  
VOGAL  
Luís dos Santos Ferro

## ASSESSORES

DANÇA  
Gil Mendo

## TEATRO

Francisco Frazão  
ARTE CONTEMPORÂNEA  
Miguel Wandschneider  
SERVIÇO EDUCATIVO  
Raquel Ribeiro dos Santos

## DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO

Margarida Mota

## PRODUÇÃO E SECRETARIADO

Patrícia Blázquez  
Mariana Cardoso de Lemos  
Jorge Epifânio

## EXPOSIÇÕES

PRODUÇÃO E MONTAGEM  
António Sequeira Lopes

## PRODUÇÃO

Paula Tavares dos Santos

## MONTAGEM

Fernando Teixeira  
CULTURGEST PORTO  
Susana Sameiro

## COMUNICAÇÃO

Filipe Folhadela Moreira  
Joana Gonçalves ESTAGIÁRIA  
Judite Jóia ESTAGIÁRIA

## PUBLICAÇÕES

Marta Cardoso  
Rosário Sousa Machado

## ACTIVIDADES COMERCIAIS

Catarina Carmona

## SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS E FINANCEIROS

Cristina Ribeiro  
Paulo Silva

## DIRECÇÃO TÉCNICA

Eugénio Sena

## DIRECÇÃO DE CENA E LUZES

Horácio Fernandes

## ASSISTENTE DE DIRECÇÃO CENOTÉCNICA

José Manuel Rodrigues

## AUDIOVISUAIS

Américo Firmino CHEFE DE IMAGEM  
Paulo Abrantes CHEFE DE AUDIO  
Tiago Bernardo

## ILUMINAÇÃO DE CENA

Fernando Ricardo CHEFE  
Nuno Alves

## MAQUINARIA DE CENA

José Luís Pereira CHEFE  
Alcino Ferreira

## TÉCNICO AUXILIAR

Álvaro Coelho

## FRENTE DE CASA

Rute Moraes Bastos

## BILHETEIRA

Manuela Fialho  
Edgar Andrade

## RECEPÇÃO

Teresa Figueiredo  
Sofia Fernandes

## AUXILIAR ADMINISTRATIVO

Nuno Cunha

grupo



Caixa Geral  
de Depósitos